



UM CLOSE EM D. HERMÍNIA: A MULHER MÃE NOS FILMES “MINHA MÃE É UMA PEÇA” E “MINHA MÃE É UMA PEÇA 2”.

Saionara Vitória de Almeida¹
Raquel Pereira Quadrado²

Resumo

No artigo, discute-se a mulher mãe representada na personagem D. Hermínia nos filmes “Minha mãe é uma peça” e “Minha mãe é uma peça 2”. O trabalho traz uma análise de cenas representativas que a personagem D. Hermínia protagoniza, para analisar como a mulher e mãe é apresentada nesses artefatos. O aporte teórico da pesquisa fundamenta-se a partir do campo dos Estudos Culturais na sua vertente pós-estruturalista. A metodologia usada foi a análise cultural dos artefatos e partem de conceitos construídos historicamente que fazem parte da cultura de onde se vive. Entendeu-se que os artefatos culturais analisados contêm pedagogias que ensinam uma possibilidade de exercer a maternidade. A representação da D. Hermínia nos sugere uma das formas, entre tantas outras possíveis, de ser mãe.

Palavras-chave: Artefato cultural. Mãe. Mulher. Pedagogia cultural.

Introdução


Esse artigo traz uma análise da personagem D. Hermínia, protagonista dos filmes “Minha mãe é uma peça” e “Minha mãe é uma peça 2”, dois filmes do gênero comédia de grande audiência nas salas de cinema no Brasil, com muitas visualizações no site You Tube e nos canais de TV por assinatura. A proposta é a de apresentar e discutir a personagem principal, enquanto mulher e mãe, nas duas histórias, utilizando-se da descrição de algumas cenas representativas para esse propósito.

O trabalho baseia-se nas contribuições dos Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, que compreendem os produtos culturais como agentes de reprodução social, fortalecendo a sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia (WORTMANN, 2007). Por meio da perspectiva dos Estudos Culturais não existe uma única metodologia distinta, “os Estudos Culturais se aproveitam de quaisquer campos que forem necessários para produzir o conhecimento exigido por um projeto particular” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 1995, p. 9).

¹ Mestre em Educação pela FURG, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, saionara@vetorial.net.

² Doutora em Educação em Ciências pela FURG, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, raquelquadrado@hotmail.com.





Nesse contexto, a metodologia utilizada na pesquisa é a da análise cultural, uma vez que se entende, conforme Maria Lúcia Wortmann (2007), que não é determinante na análise cultural que seus praticantes escolham uma área de estudo, podendo fazer uso de várias delas, fazendo incursões a teorias e metodologias de muitas áreas do conhecimento.

A Análise Cultural permite contemplar a cultura como uma produção social delineada pelas transformações contemporâneas, além de entender os filmes como artefatos culturais e realizar análises a partir de suas representações. Para isso, buscou-se dialogar com autores (as) como Tomaz Tadeu da Silva (2001), Maria Lúcia Wortmann (2007), Elisabeth Ellsworth (2001), entre outros, que possibilitaram pensar e refletir sobre artefatos culturais, pedagogias culturais e análise cultural. Nesta pesquisa, entende-se os materiais analisados como artefatos culturais, os quais (re) produzem e veiculam representações de gêneros, ensinando modos de ser mulher e de ser mãe no contexto da atualidade, mostrada nos filmes. As análises culturais (WORTMANN, 2007), dão visibilidade para aspectos que muitas vezes não são visíveis em análises tradicionais. Na perspectiva dos Estudos Culturais, as pedagogias culturais apresentam uma “diminuição das fronteiras entre, de um lado, o conhecimento acadêmico e escolar e, de outro, o conhecimento cotidiano e o conhecimento da cultura de massa” (SILVA, 2013, p. 139). Constantina Xavier Filha e Telma Iara Bacarin dizem que as pedagogias culturais existem

[...] em todo espaço social e cultural que apontam as formas desejáveis de ser menina, de ser menino, de bem portar-se, de viver masculinidades e feminilidades, de vivenciar expressões de sexualidade, entre outras formas de exercer identidades e subjetividades (XAVIER FILHA; BACARIN, 2014, p. 51).

Assim, os filmes analisados são considerados artefatos culturais, pois são produtos de uma cultura. Ou melhor, “são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p.38). Nessa perspectiva, considera-se que os artefatos culturais “transmitem uma variedade de formas de conhecimento que embora não sejam reconhecidos como tais, são vitais na formação de identidades e subjetividades” (SILVA, 2001, p. 140).

Assim, baseando-se nos aportes teóricos que sustentam que os dois artefatos em análise contêm pedagogias, parte-se para a apresentação da personagem principal a qual se constitui o objeto da análise desse trabalho.





D. Hermínia: Contextualizando a História e Apresentando a Personagem

A fim de situar as análises que foram desenvolvidas, apresenta-se a personagem D. Hermínia, narrando um pouco a história dos dois filmes que ela protagoniza, assim como os deslocamentos que acontecem no segundo filme em relação ao primeiro.

D. Hermínia é dona de casa, separada do marido Carlos Alberto. É mãe de Marcelina, de Juliano e de Garib. Mora em um apartamento na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, com o filho Juliano e com a filha Marcelina. O filho Garib é casado e mora em Brasília. D. Hermínia passa o dia com rolos na cabeça e um lenço os cobrindo e essa imagem se repete na maioria das cenas dos filmes e se constitui como uma marca da personagem. Enquanto no primeiro filme ela é dona de casa, no segundo filme ela continua dona de casa, mas também trabalha como apresentadora de um programa de televisão voltado às mães.

Descrevendo e Analisando as Cenas

Para proceder as análises, descreve-se algumas cenas dos filmes e as discussões que elas possibilitam baseadas nos aportes teóricos que sustentam essas análises.

Para exemplificar como foi feito o trabalho, esse resumo expandido traz duas cenas descritas e analisadas. As cenas descritas estão numeradas e situadas, indicando se pertencem ao primeiro ou ao segundo filme. Em alguns momentos, agrupou-se situações que se complementam numa mesma cena como estratégia para potencializar as discussões, embora apareçam no filme em momentos distintos. As descrições das cenas estão em itálico e as análises vêm no seguimento. As cenas descritas foram criadas pela autora desse artigo.


Cena 2 – primeiro filme:

Em um passeio pela calçada da praia em Niterói, D. Hermínia se queixa da vida para a tia Zélia. Fala dos filhos e da filha, fala da ausência do ex-marido para resolver problemas do dia a dia com os filhos e filha. Com isso, a tia fala que D. Hermínia tinha que casar. Que estava precisando de um marido, pois estava muito sozinha. D. Hermínia disse que de jeito nenhum, não queria outro marido em sua vida.

Ao final desse primeiro filme, quando D. Hermínia já é apresentadora de programa, o ex-marido Carlos Alberto a elogia, dizendo que foram felizes e que poderiam tentar, porém Hermínia recusa-se a dar continuidade ao assunto, falando que nem pensar até porque ele não ia largar a Soraia.

A submissão fez parte da identidade feminina e, portanto, influenciou as mulheres em seus modos de relacionar-se com os homens. Fica difícil para o ex-marido Carlos Alberto ouvir respostas contrárias ao que ele gostaria de ouvir partindo de D. Hermínia, que se recusa





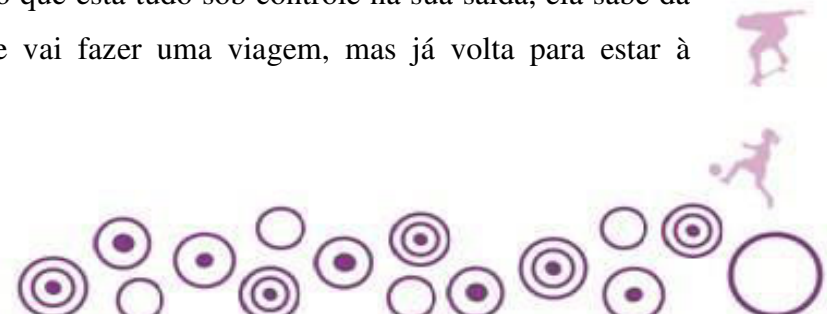
a acreditar em suas investidas, negando a possibilidade de ficarem juntos novamente. Com essa atitude, desvincula-se dessa representação de mulher que, em parte, legitima um tipo de identidade feminina que só se vê realizada se estiver casada, só é feliz se tiver um homem ao seu lado. Silva (2000) pontua que a representação da identidade é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. D. Hermínia não se submete às investidas ou às críticas de seu ex-marido, sendo assim não estabelece um vínculo com a identidade submissa, isto é, entre outras coisas, perder um aspecto que dá sentido a uma concepção de mulher. Sobre a necessidade de a mulher ter um marido, Adichie diz: “nunca fale do casamento como uma realização. Encontre formas de deixar claro que o matrimônio não é uma realização nem algo a que ela deva aspirar. Um casamento pode ser feliz ou infeliz, mas não é realização” (2017, p.40).

Cena 8 - segundo filme:

As cenas finais do filme mostram D. Hermínia se despedindo da família, pois ia passar uns dias nos Estados Unidos. Para a despedida apareceram os filhos Juliano e Garib, a filha Marcelina, o neto Pedrinho e a irmã Iesa. Todos se mostravam contentes ao ver D. Hermínia embarcar em um táxi rumo ao aeroporto.

D. Hermínia consegue investir um pouco mais em sua realização pessoal e largar a sua rotina de viver voltada aos filhos e filha, começando a investir em outras conquistas, diferentes do trabalho de apresentadora ou só de ficar como dona de casa. Agora ela também admite viajar, conhecer outro país, conhecer novas culturas. O binômio eu/realização envolve, assim, a relação com o (a) outro (a), diante de uma alteridade que inspira e também confronta. O que nos move e nos impulsiona a realizar algo é revestido de uma esperança nomeada por Rose (2001) de “liberdade”. Não no sentido de uma libertação do mundo ou dos laços de servidão e sujeição, mas uma liberdade no sentido de atribuir valor à própria vida em “termos políticos (liberdade para escolher) e psicológicos (livres para escolher em nome de nós mesmos e não em nome de nossa subordinação à autoridade de um outro...)”, como afirma Rose (2001, p. 167).

Nessa fase de sua vida, D. Hermínia vai usufruir de sua liberdade, mas com a ideia de dever cumprido, vai deixar a sua família por algum tempo, porém contando que os filhos e filha estão encaminhados, com seus afazeres, que ficarão bem mesmo com a sua ausência do país por algum tempo. Ela viaja sabendo que está tudo sob controle na sua saída, ela sabe da sua importância como mãe e avó, que vai fazer uma viagem, mas já volta para estar à disposição se precisarem dela.



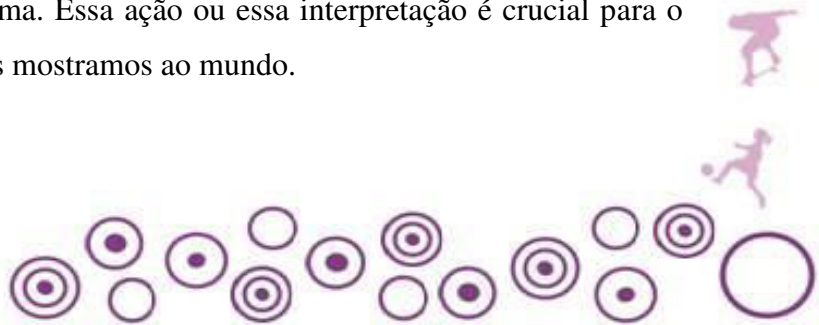



Algumas considerações

Esse trabalho descreveu cenas e analisou os modos de ser da personagem D. Hermínia. Percebeu-se que nas cenas descritas a personagem correspondia ao modo hegemônico de ser mulher e mãe na sociedade contemporânea, pois a forma que ela agia com sua família, suas responsabilidades e preocupações correspondem ao que se espera de uma mãe no contexto da sociedade atual, mesmo que desempenhe outras funções que não só de ser mãe ou dona de casa. Essa mulher, na contemporaneidade, se divide e conquista outros espaços fora do lar, mas com a compreensão de que mesmo saindo de casa para trabalhar fora, no caso de D. Hermínia, como apresentadora de um programa de televisão, mesmo que tenha alcançado mais prestígio graças a essa função que ocupa, não pode deixar de se dedicar aos filhos e filha, porque eles e ela é que constituem a razão de viver de uma boa mãe, como a D. Hermínia.

Mesmo com a apresentação de um padrão único, hegemônico de maternidade apresentada nas cenas, fatos paralelos a esse seu modo de ser marcaram algumas transformações como a saída dos dois filhos e da filha de casa para morarem longe da mãe em outra cidade, forçando-a a conviver com a solidão e até a de provocar nela uma iniciativa de viajar sozinha para outro país e deixar os filhos e filha no Brasil. Os deslocamentos, embora sutis no decorrer das cenas que mostravam intensa preocupação do sujeito-mãe, aconteceram. Aos poucos, D. Hermínia foi se acostumando, ou melhor, se apropriando da nova fase de sua vida; aos poucos vai notar que os filhos e filha devem conquistar os seus lugares no mundo que escolheram para trabalhar, morar e viver e, que mesmo assim, ela pode ser essa mãe que os cuida e protege, porém lá do espaço dela, da casa dela.

Nos dois artefatos analisados, o ator Paulo Gustavo realizou uma performance, na medida em que representou o papel pré-estabelecido nos roteiros, assumindo a identidade de D. Hermínia. O ator, para interpretá-la, assumiu atos performativos do gênero feminino, ou seja, uma atuação de gênero através de ações de repetição e imitação dos modos de ser feminina em nossa sociedade. Dessa maneira, D. Hermínia desempenhou o papel de mulher e mãe previamente estabelecido, de acordo com o regime de inteligibilidade (sexo, gênero, sexualidade). Oportuniza-se trazer Judith Butler (2013), esclarecendo que quando dizemos que o gênero é performado, geralmente queremos dizer que nós tomamos um papel, nós estamos agindo de uma determinada forma. Essa ação ou essa interpretação é crucial para o gênero que nós somos e o gênero que nós mostramos ao mundo.





Entendeu-se que os dois artefatos culturais analisados contêm pedagogias que ensinam uma possibilidade de exercer a maternidade,

Temas como o cuidado de si, o valor atribuído ao matrimônio nos dias de hoje, as lembranças que enchem a vida da mãe, o sentimento de culpa associado às mães, a dedicação da mãe em relação à família, as atribuições dadas a mulher mãe no contexto familiar fizeram parte da análise que as cenas descritas propiciaram refletir acerca de D. Hermínia – uma mulher mãe na contemporaneidade.

Dado ao número expressivo de audiência nas salas de cinema no Brasil para assistir D. Hermínia nos dois filmes (4,6 milhões e 5 milhões de espectadores, respectivamente os filmes 1 e 2 conforme o site A Gambiarra), espera-se que essas análises contribuam para reflexões a respeito do que é ser mãe na atualidade, contribuindo para o questionamento da forma hegemônica de exercê-la, promovendo, talvez algumas rupturas nesse modelo. Entende-se que a forma de ser mulher mãe apresentada nos filmes analisados não é a única possível e nem a única existente na contemporaneidade. A representação da D. Hermínia nos sugere uma das formas, entre tantas outras possíveis.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

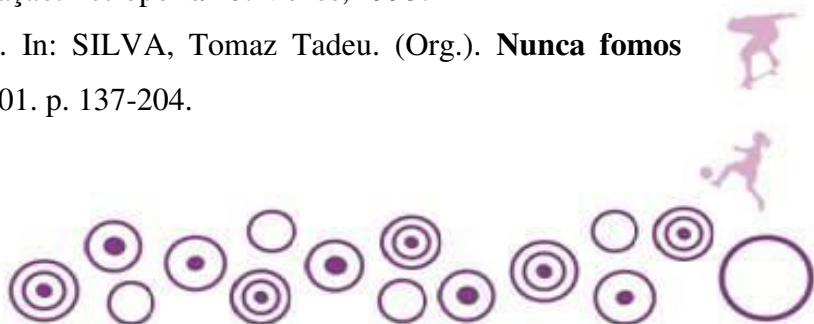
BUTLER, Judith. **Seu comportamento cria seu gênero**. Youtube, 20 maio 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9MlqEoCFtPM>>. Acesso em: jul. 2017.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Rev. Bras. Educ.** [online], n. 23, p. 26-61, 2003. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000200004>>. Acesso em: nov. 2017.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.





SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A pedagogia como cultura, a cultura como pedagogia. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 139-142.

XAVIER FILHA, Constantina; BACARIN, Telma Iara. O mundo da Barbie em “Escola de princesas” e em “As três mosqueteiras”. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidade, gênero e infâncias no cinema.** Campo Grande: UFMS, 2014. p. 43-60.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises Culturais - um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II:** outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

Filmes:

Minha mãe é uma peça. Direção: André Pellenz. Brasil: Migdal Filme, 2013.

Minha mãe é uma peça 2. Direção: César Rodrigues. Brasil: Migdal Filmes, 2016.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

